

PAPIRO: A PLANTA AQUÁTICA ORNAMENTAL DO JARDIM DOS FARAÓS E PLANTA DA ECONOMIA EGÍPCIA

PAPYRUS: THE ORNAMENTAL AQUATIC PLANT OF THE GARDEN OF THE PHARAOHS AND PLANT OF THE EGYPTIAN ECONOMY

Henrique Cunha Junior¹

Resumo

Esse artigo tem como objetivo repertoriar o papiro na iconografia da arte egípcia, distingui-lo na produção paisagística dos grandes jardins da época dos faraós e situar sua importância na economia do período. A planta e a flor papiro são muito importantes e recorrentes na iconografia e na mitologia do antigo Egito em todos seus períodos históricos. A planta do papiro, cujo nome científico é *Cyperus papyrus* e sua flor constituem-se em um símbolo de força religiosa e cosmológica do antigo Egito. Os jardins do período dos faraós é um tema amplo de estudo, que estamos aprofundando pesquisa e dentro dele destacam-se plantas de diversos espécimes botânicas. Dentre esses espécimes a planta do papiro tem grande destaque pela importância econômica e religiosa. As plantas dos jardins egípcios constituem uma forte referência para os jardins e para o paisagismo na atualidade. Neste artigo tratamos da planta e da flor do papiro dentro da iconografia das arquiteturas do antigo Egito. A sistemática de pesquisa adotada utiliza-se da iconografia, da arqueologia e da pesquisa documental de forma combinada.

Palavras-chave: papiro; planta aquática ornamental; *Cyperus Papyrus*; planta da economia egípcia; jardins egípcios; paisagismo africano; urbanismo africano.

Abstract

This article aims to study papyrus in the iconography of Egyptian art, distinguish it in the landscape production of the great gardens of the time of the pharaohs and situate its importance in the economy of the period. The papyrus plant and flower are very important and recurrent in the iconography and mythology of ancient Egypt in all its historical periods. The papyrus plant, whose scientific name is *Cyperus papyrus*, and its flower constituted a symbol of religious and cosmological strength in ancient Egypt. The gardens of the pharaoh period are a broad topic of study that we are deepening research into and within it, plants from different botanical specimens stand out. Among these specimens, the papyrus plant stands out due to its economic and religious importance. Plants from Egyptian gardens constitute a strong reference for gardens and landscaping today. In this article we deal with the papyrus plant and flower within the iconography of ancient Egyptian architecture. The research system adopted uses iconography, archology and documentary research in combination.

Keywords: papyrus; *Cyperus Papyrus*; papyrus ornamental aquatic plant; papyrus plant of the egyptian economy; egyptian gardens; african landscaping; african urbanism.

¹ Professor Titular UFC – Professor Visitante UFBA – PPGAU- Salvador, Bahia, Brasil. henriquecunhaafricanidade@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-9664>

1. Papiro: Planta dos Jardins do Período dos Faraós e da Economia Egípcia

Esse artigo é resultado de uma pesquisa mais ampla acerca dos afrescos da arte egípcia, especialmente sobre a iconografia dos jardins dos faraós (CUNHA JUNIOR, 2023). Dentre os espécimes botânicos dos jardins egípcios, a planta botânica “Papiro”, cujo nome científico é *Cyperus papyrus*, aparece sempre com imenso destaque devido ao caráter cosmológico e simbólico que lhe foi atribuído, bem como em razão da importância econômica que possuiu em todos os períodos da história do antigo Egito.

Diante desse contexto, o objetivo principal desse trabalho é repertoriar o Papiro na iconografia da arte egípcia, distingui-lo na produção paisagística dos grandes jardins da época dos faraós e situar sua importância na economia do antigo Egito.

No estudo sobre urbanismo africano, focado numa perspectiva de 6000 anos da construção de cidades no continente africano (CUNHA JUNIOR, 2020-1), um dos mais relevantes temas são os jardins da antiguidade egípcia, presente principalmente nos 4000 anos de arquitetura e urbanismo do período dos faraós daquele país. O Egito é uma referência em muitos aspectos para o urbanismo atual, sendo uma delas a produção de jardins, esses, presentes nos grandes palácios e nas edificações públicas. Essas referências arquitetônicas tornam o paisagismo do antigo Egito um campo do conhecimento da história do urbanismo (MORENO, 2003).

Na produção da história dos jardins botânicos, da cultura de espécimes medicinais e taxonomia das plantas, a primeira e a mais antiga referência é de jardins egípcios, sendo o primeiro jardim descrito pelo cientista egípcio Imhotep (2667–2648 a.C.). A descrição se encontra em um tipo de papiro, confeccionado a partir do papiro clássico. Imhotep é considerado o fundador da medicina científica e o primeiro dos grandes médicos, pertencente à terceira dinastia egípcia (SPENCER; CROSS, 2017). Tendo sido também engenheiro e arquiteto.

Os conhecimentos da medicina egípcia estão transcritos em famosos papiros como o Hearst Papyrus (2000 a.C.), Kahun Gynecological Papyrus (1800 a.C.), Edwin Smith Papyrus (1600 a.C.), London Medical Papyrus (1325 a.C.) e Ebers Papyrus (1534 a.C.). Sendo o mais conhecido dos papiros, o que trata do reinado do faraó Amenhotep I. Ressalta-se que o papiro egípcio de Ebers é um pergaminho de 110 páginas com cerca de 20 metros de comprimento, provavelmente copiado de textos anteriores. É um dos mais antigos documentos médicos preservados, também considerado a mais antiga lista de plantas medicinais do mundo. Cerca de 30 ervas medicinais inscritas no referido papiro são plantas de uso comum na atualidade (BRYAN, 1930).

Importante destacar que as sociedades egípcias foram teocráticas, nas quais o poder do Estado, a ideologia nacional e os valores sociais estavam fortemente imbricados na religião. Os templos religiosos foram locais de prática religiosa da população e também espaços de pesquisas e de formação profissional das diversas instâncias do governo e da administração pública. As sacerdotisas e os sacerdotes formavam uma grande elite profissional (escritas, engenheiros, médicos, arquitetos e juristas), cultural, política e econômica. Para ser governante com o título de faraó, precisava ser elevado à suprema sacerdotisa ou sacerdote.

A estrutura das colunas e a ornamentação dos templos religiosos, com grande destaque para os jardins e para os afrescos com iconografia das plantas, formaram um grande capítulo de toda arquitetura e paisagismo egípcio (CUNHA JUNIOR, 2020).

A passagem para iluminação, ou seja, o acerto com um balanço da vida, foi uma regra

na sociedade egípcia produzindo uma diversidade de cenários, edificações e proposições com este objetivo. A relação entre a cosmologia, a religião e a vida da população, em boa parte se relacionava com essa passagem para a iluminação, que na atualidade interpretamos como a vida depois da morte. Foram construídos locais, bairros e grandes construções para essa passagem. Nessa interpretação da vida após a morte, os templos consagrados a essa função são classificados como templos funerários (BARTA, 2002). Esses, são também locais de ampla representação iconográfica de jardins e locais de edificação dos mesmos.

Espécimes originárias dos antigos jardins do período dos faraós ainda são utilizadas na atualidade, inclusive no paisagismo internacional, o que comprova que o paisagismo do antigo Egito é uma forte referência para o mundo atual. Além disso, são parâmetros para o urbanismo e para os estudos sobre conforto térmico das regiões do semiárido, como é o caso do Nordeste brasileiro (CUNHA JUNIOR; LEITE, 2022). Características desse espécime que chama a atenção são sua resistentes às variações climáticas e demandar pouca manutenção e cuidados na sua preservação.

Na Figura 1 tem-se uma touceira de Papiro localizada em uma esquina de um posto de gasolina na cidade de Fortaleza- CE. A mesma ainda se encontra em estágio de crescimento e está sendo utilizada no paisagismo, como planta ornamental.

Figura 1: Fotografia de touceira de papiro como planta ornamental – Fortaleza- CE 2023.



Fonte: Fotografia Marlene Santos

Na contemporaneidade, o Papiro é mais conhecido como uma planta ornamental, que em vasos e jardins atinge a altura média de 1,0 a 1,5 metros, no entanto em sua origem o mesmo é uma planta de mangues do delta do rio Nilo, com a altura de um coqueiro, podendo atingir de 4 a 5 metros, enquanto o diâmetro do caule atinge de 10 a 15 centímetros. Nestas condições de palmeira de grande porte é que o Papiro foi comercializado em grande escala no antigo Egito. Seu caule era usado tanto para a produção do papel de escrita, como para madeira de várias aplicações, de forma que foi desenvolvido um grande sistema econômico em torno de seu cultivo.

Na região dos Grandes Lagos, no centro do continente africano, as árvores de papiro crescem até 10 metros de altura e uma das suas aplicações como planta aquática é no tratamento de esgotos e de resíduos industriais (FATOBENE; SOTO; RODRIGUES; AGUIAR, 2019).

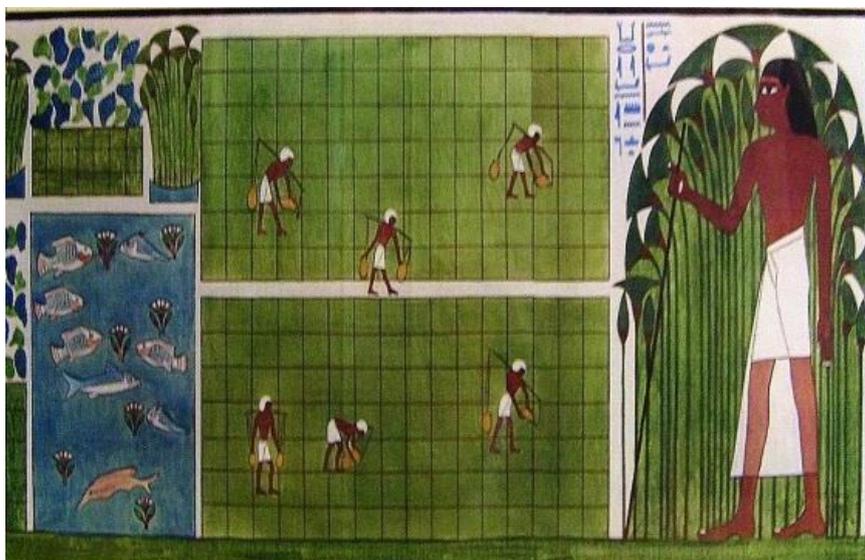
Na Figura 2.a e 2.b apresentamos duas variedades da espécie botânica do Papiro, a gigante e a cyperus. Já nas Figuras 3 e 4, temos a representação do Papiro na iconografia dos jardins egípcios. As representações iconográficas estão no museu Real das Artes em Bruxelas e fazem parte de um acervo considerável sobre arte egípcia.

Figura 2: a) Fotografia de Papiro Cyperus. b) Fotografia de Papiro gigante.



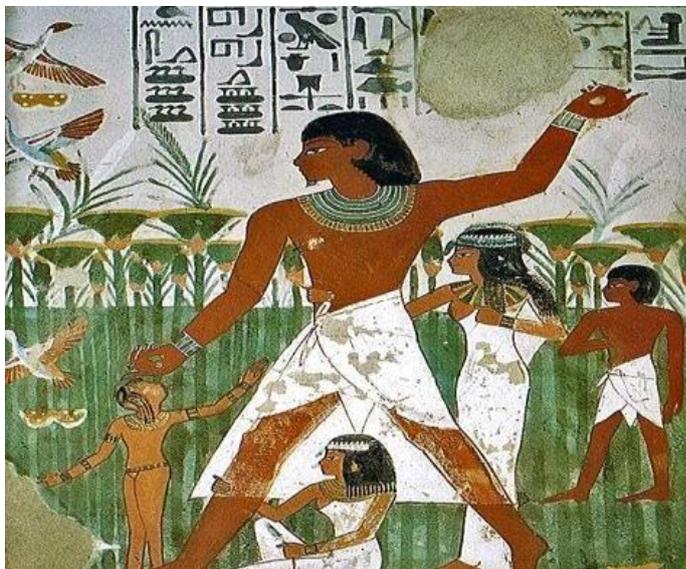
Fonte: Super Stock Imagens.

Figura 3: Iconografia da representação do papiro jardim da divindade Amun. Templo de Karnak – Mural da tuba de Nakh, chefe dos jardineiros no século 14 antes da era cristã.



Fonte: Royal Museum of Art and History, Bruxelas.

Figura 4: Iconografia da representação do papiro em um afresco do templo de Luxor, dentro do complexo arquitetônico de Karnak.



Fonte: Royal Museum of Art and History, Bruxelas.

Devido a planta papiro ter sido muito abundante na região do baixo Nilo, ou seja, na região do Delta do Nilo, ela representava um símbolo do reino, antes da unificação dos reinos do baixo e alto Nilo (CUNHA JUNIOR, 2022). Sobre a etimologia da palavra papiro, em hieróglifos, têm-se a composição de símbolos separados: pa-p-ior, que significa vinda do rio.

Em tempos contemporâneos a temática jardins egípcios ganhou destaque na imprensa internacional devido a recriação deste modelo em um dos temas do Hamilton Garden na Nova Zelândia em 2022 (MARSHALL, 2022). Em virtude da grandiosidade desse jardim o local tornou-se uma importante fonte de informação para as pesquisas que estamos realizando, em especial para o artigo aqui apresentado. Os estudos de reconstrução de jardins egípcio na atualidade reuniu uma farta documentação e materializou obras sobre as quais conhecíamos apenas fragmentos arqueológicos em museus. Os fragmentos arqueológicos mostram a dimensão dos jardins, sendo que as imagens iconográficas indicam as composições, permitindo boas reconstruções da realidade passada.

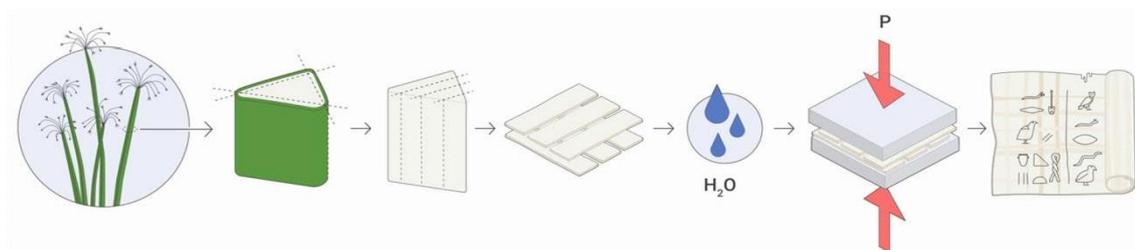
Para esse estudo, utilizamos a base da pesquisa iconográfica (SALES, 2008), que é uma das mais recomendadas formas de metodologias de pesquisa para a história do Egito antigo e em particular para história da arte egípcia. Mesclamos a base de estudo iconográfico com as formas de pesquisa arqueológicas e os estudos históricos (BRANCAGLION JUNIOR, 2004). Para tanto, examinamos acervos iconográficos, elegemos partes de interesse da temática estudada e comparamos elementos iconográficos. Na sequência, contextualizamos-os e os apresentamos em relação às épocas e formas de procedimentos e hábitos culturais de cada período histórico (FARGE, 2002).

2. Economia do Antigo Egito

A planta papiro foi produzida em grande escala comercial em todo Egito e em todas as épocas sendo uma agricultura de larga escala controlada pela administração do Estado tendo os seus produtos manufaturados como fonte de comércio interno e de exportação.

A planta papiro na fase adulta produz fibras vegetais longas e de grande resistência. O papiro para escrita era produzido através da colocação de fileiras dessas fibras em paralelo em camadas, sendo depois sobrepostas camadas com direções diferentes e na sequência expostas a um processo de colagem e prensagem resultando na superfície fina do papiro para escrita. Essas peças finas eram cortadas e armazenadas em rolos. Esse foi um produto de grande exportação do Egito para outras regiões do continente africano e da Ásia por mais de dois milênios (Mohamed, 2023). A Figura 11 ilustra a produção do papiro para a escrita.

Figura 5: Representação da produção do papiro para escrita.



Fonte: (F. Bausch et al, 2022, p. 4933).

Vale a pena ressaltar que embora a folha de papiro tenha sido muito usada para a escrita, outros suportes também existiram como tábuas de cera, argila, calcário, tábuas de sicômoro cobertas com gesso, couro, lona, óstracos e fragmentos de calcário ou cerâmica também eram encontrados em grande número em largos períodos históricos.

As fibras da planta papiro também foram fartamente utilizadas na produção de cordas tanto para a área náutica como para demais aplicações de transporte e cargas. Muitas embarcações de pequeno e médio porte eram feitas com caules de papiros que por sua vez eram também amarrados com cordas de papiros e ainda possuíam as velas do mesmo material. Atividades náuticas fluviais e no mar mediterrâneo sempre foram muito intensas em toda história do Egito antigo (CARLENS, 2003). Mesmo o comércio de longa distância através do oceano Índico foi realizado pelos egípcios. Além do papiro, madeira como da acácia e da figueira foram também utilizadas na navegação (CUNHA JUNIOR, 2022-2023). A navegação foi parte cotidiana de todas as esferas da vida egípcia (JANSSEN, 2004).

As fibras da planta papiro cozidas, eram utilizadas para o preparo de cestas, esteiras, tecidos para sacarias e vestimentas rústicas. O papiro foi utilizado na produção de uma gama de formas, desde a construção de casas e móveis a embalagens de produtos para transporte. Assim podemos constatar por diferentes fontes que a plantação dos papiros constituiu forte elemento agrícola na economia do antigo Egito.

3. Conceito de Jardim do Antigo Egito.

Para esse estudo, utilizamos as denominações jardins formais, para aqueles que fazem parte de um projeto arquitetônico e informais para os que não fazem parte desses projetos, podendo até mesmo serem entendidos como uma horta ou canteiro de cultivo de legumes e frutas para consumo cotidiano. Os jardins formais e informais aparecem na história egípcia desde a 18ª Dinastia através da iconografia da decoração de ambientes públicos e privados (REICHART, 2020). Esta iconografia foi registrada em figuras, em monumentos em pedra e em afrescos, executada com diversas tintas e em papiros.

Definimos jardins como um espaço, que pode ser público ou privado, aberto ou fechado, projetado com a função de conter arranjos de árvores e plantas em geral, apresentando caminhos de percursos, pérgolas, bancos e elementos hídricos, como córregos, tanques de água, chafarizes, lagoas e represas. Os jardins em casas com hortaliças e árvores frutíferas apareceram no Egito desde o período pré-dinástico, muito antes da escrita e da produção agrícola em grande escala.

Os jardins no Egito antigo apresentavam diversas tipologias, desde espaços privados nas cidades a grandes empreendimentos em áreas públicas, palácios, templos e conjuntos funerários. De uma maneira geral os jardins eram fechados por muros altos e normalmente retilíneos e geométricos. Muitos dos jardins fechados eram relacionados a templos religiosos, no entanto esse formato era devido a problemas climáticos, ou seja, para evitar a poeira dos fortes ventos vindos do deserto. Os jardins egípcios se caracterizavam por seus usos e pelo seu propósito utilitário (CUNHA JUNIOR, 2022).

No desenho dos grandes jardins era comum encontrar-se no centro, tanques retangulares mantidos por sistemas hidráulicos de canalização do rio Nilo. Nesses grandes tanques realizavam a criação de peixes e a cultura de plantas aquáticas como a flor de lótus (*Nymphaea carerulea*) e o capim do Nilo (*Cyperus papyrus*). As árvores que produziam grandes sombras eram indispensáveis para os grandes jardins. Sendo a figueira um dos exemplos mais marcantes. Nos jardins egípcios também cultivavam árvores frutíferas como figos, tâmaras, romãs e ervas medicinais e comestíveis, além de plantas aromáticas.

Os jardins no antigo Egito apresentam variações de projeto e de plantas segundo a classificação das edificações que podiam ser de natureza pública, religiosa, privada e de representação da realeza. Os lugares religiosos eram de natureza de romarias e festas populares ou de instituições fechadas como as escolas e centro de formação universitária. Chamamos a atenção para o fato de que a formação de profissionais era uma atividade da igreja devido a natureza teocrática do estado Egípcio. Os grandes centros de formação universitária e de pesquisa eram dentro das instituições religiosas.

As instituições públicas eram palácios e lugares da administração, seja das cidades ou do Estado. Já os lugares de colossais edificações privadas eram de grandes comerciantes, membros importantes da administração.

As elites ligadas aos faraós, produziram grandes construções relacionadas à manutenção da sua memória “funerária”, que não locais de cemitérios a exemplo das pirâmides e também grandes obras explicitamente funerárias onde eram depositados os cadáveres, como foi o caso do conjunto funerário do vale dos reis. Portanto, existiu dois tipos de construções relativas à morte, uma para real sepultamento e outra como uma espécie de memorial da pessoa, em nome da alma.

De uma maneira conceitual geral os jardins formais eram paisagens estéticas utilizadas pelos faraós, membros da realeza, administradores, escribas e classes altas para esportes, festivais, banquetes, rituais, velórios, lazer, música, dança e grandes apresentações musicais.

No antigo Egito duas palavras eram relacionadas ao espécime botânico papiro, a saber, Tchama e Djema. Quando são feitas referências à palavra papiro na literatura egípcia ela aparece como a flor do papiro e também como a planta do papiro.

Na atualidade encontramos uma nova economia do espécime botânico papiro, o mercado das plantas ornamentais, na qual a planta é denominada como planta de djeta ou tjufi.

As variedades da planta papiro são muitas. Formam uma família de gramíneas

aquáticas semelhantes à família do junco na sua composição botânica. Dentre essa variedade as duas que foram mais comuns na antiguidade egípcia são o Papiro Gigante e o Papiro *Cyperus*, conforme citamos anteriormente.

Da observação da planta do papiro surge a descrição botânica como constituída de uma grande haste que é o caule e das folhas como de uma palmeira em forma geométrica de leque. Tem-se estágios diferenciados da parte das folhas, que aparecem em leque como mostra a Figura 5.a, mas também temos o caso das folhas aparecendo como inflorescência conforme apresentada na Figura 5.b.

Figura 6: a) A forma do pendão dos papiros como folhas. Fonte: Super Stock Imagens. b) A forma do pendão dos papiros como inflorescência.



Fonte: SuperStock Imagen.

Do ponto de vista da iconografia do Egito antigo, a planta do papiro é quase sempre representada de maneira estilizada como apresentadas nas Figuras 6.a e 6.b.

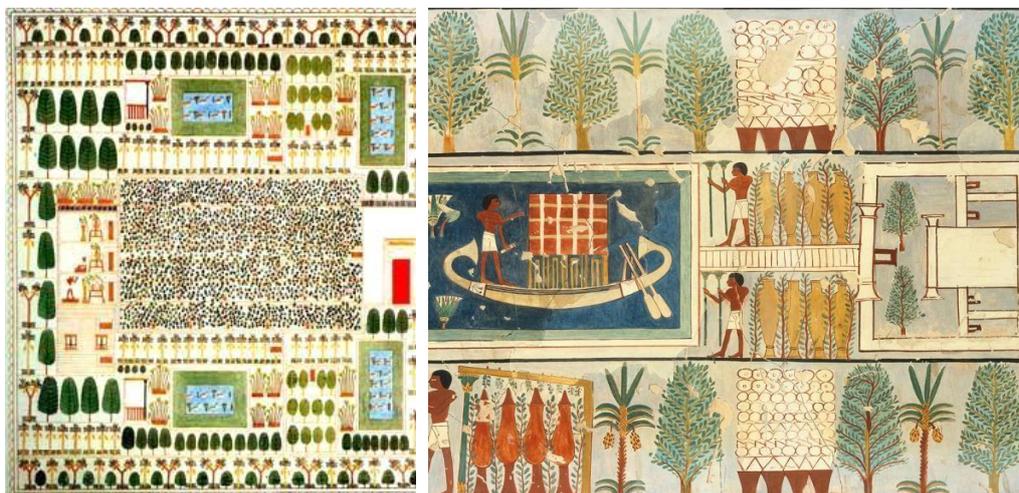
Figura 7: a) Ramos da planta papiro estilizada como pintura de parede. b) Iconografia da tumba de Menna. Necropolis de Sheikh Abd El-Qurna. Luxor, Egypt



Fonte: SuperStock Imagen.

A organização dos jardins é apresentada na iconografia como nas Figuras 7.a e 7.b.

Figura 8: a) Iconografia apresentando um jardim. b) Figura de um ritual funerário num jardim. A figura é do Túmulo de Minnakht, que viveu entre 1479 - 1425 antes da era cristã.



Fonte: Coleção do Museu Metropolitano de Artes de Nova Iorque.

4. O Papiro na Iconografia dos Jardins

As sociedades egípcias em todas as épocas produziram imenso acervo documental das suas realizações, impressas em todos os monumentos e edifícios públicos, na forma escrita e na forma iconográfica. As cenas e costumes do cotidiano sempre foram retratadas em afrescos, existindo também os registros feitos pelos escribas em papiros.

O papiro é uma planta aquática importante em todos os aspectos da cultura do antigo Egito. O principal papel simbólico desta planta aparece na cosmologia egípcia.

Na mitologia da criação do mundo o pântano repleto de papiros foi concebido como um local fecundo e fértil para esse fim. Ainda, dentro da concepção de lugar da criação, aparecem em muitas ilustrações as densas matas de papiros como lugar do cosmos ordenado, equilibrado e harmônico, tendo como seu limite a região do caos perturbador, que ameaçava a civilização. Sobre a ordem e o Caos tem-se a relação entre a Maat e Isfet, própria da filosofia do Egito, representando essa relação. (SANTOS; CUNHA JUNIOR, 2021), (CUNHA JUNIOR, 2020).

No conjunto mítico religioso egípcio existe um episódio, onde a divindade Isis leva o seu filho Horus para uma mata de papiros como forma de protegê-lo contra a ira do seu irmão Seth. Seth aparece como uma ameaça, por ter assassinado o marido de Isis, que segundo Pinch (2020) foi considerada a divindade mãe do mundo terrestre e fonte maior dos conhecimentos da humanidade, e usurpado o trono, sendo que a floresta de papiro era a proteção contra a ameaça. Continua a história mítica da criação do Egito tendo a divindade Hathor como protetora e ama de leite de Horus.

Ainda sobre o mítico religioso, no culto de Hathor ela aparece com um abano de papiros. Reforçando a imagem da proteção e da ama de leite de Horus. Também, Hathor era considerada um símbolo do renascimento e da ressurreição no reino celestial, representada na forma de uma vaca surgindo de um conjunto denso de papiros (SANTOS, 2003).

Na arquitetura aparece uma tipologia simbólica construtiva derivada da forma de como eram vistos os pântanos e lagos, com grande plantação de papiros. Nos templos e tumbas os tetos eram geralmente apoiados em colunas nas formas das plantas de papiro. Essa configuração tem relação com a ideia cosmológica do pântano primitivo de onde se originou a vida (EL-ASWAD, 1997), (CUNHA JUNIOR, 2022).

Na literatura botânica do ocidente a imagem e descrição mais antiga que temos sobre a planta papiro data de 1886, constituída de um desenho a bico de pena e tinta nanquim feito como ilustração de capa do dicionário botânica pela senhora Faguet Baillon, esposa do botânico Henri Baillon (1827-1895). Na Figura 8, apresentamos a fotografia do desenho da capa do referido manual de botânica.

Figura 9: Fotografia da capa do livro de botânica de Henri Baillon de 1886.



Fonte: fonte : Catálogo digital da "Universite Claude Bernard Lyon 1

Na Figura 9, tem-se a forma de estilização presente na arte egípcia.

Figura 10: Figura iconográfica de estilização do papiro e da flor de lótus.



Fonte: Internet ISock.

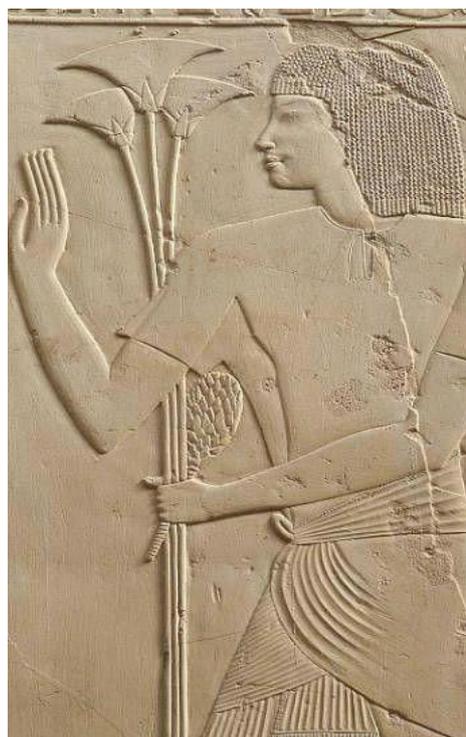
O Baixo Egito frequentemente era mostrado por figuras carregando um cetro em forma de papiro. O papiro também parece estilizado em oferendas, em túmulos e em monumentos como são apresentados na Figura 10a e 10b.

Figura 11: a) Um portador levando oferendas de papiros. b) Egito, portador de papiro.



a

Fonte: Túmulo de Phahotep. (2360 a. C.).



b

Fonte: Túmulo no. 55 da necrópole Cheikh abd el-Gournah, oeste de Tebas.

5. Considerações Finais

Os tipos de jardins e espécimes vegetais encontrados nas cidades do antigo Egito, nos templos e locais de culto funerários são de uma diversidade de usos e propósitos, esses locais guardam entre si imensa semelhança ao longo de milênios. Sobre os espécimes vegetais dos desertos e regiões desérticas do Egito ou próximas a ele, esses, apareceram tanto nos desenhos quanto nos afrescos por quase 4000 anos, sendo utilizados desde muito antes da unificação do Egito. Mesmo as grandes mudanças da capital, de Memphis, a antiga capital da região do baixo Nilo para Tebas, a segunda, da região do alto Nilo, não alterou o uso das principais árvores, plantas ornamentais e plantas frutíferas e comestíveis. A principal mudança na composição dos jardins foi introduzida a partir dos governos da grande rainha e faraó Hapsepsut, quando então foram agregadas aos jardins, plantas provenientes de diversas regiões africanas e asiáticas (CUNHA JUNIOR, 2023). Plantas que incorporaram a percepção olfativa aos jardins e possibilitaram a produção de óleos vegetais de usos diversos. Entre essas, a jujuba-espinho-de-cristo e a mamona.

Outra importante constatação é que os espécimes existentes nos jardins da época dos faraós se difundiram pelo mundo e permanecem nos jardins da atualidade, possivelmente,

devido ao baixo consumo de água e a resistência deles às mudanças climáticas durante o ano. Essas plantas são consideradas na atualidade, de baixa necessidade de manutenção em jardins das diversas regiões do Brasil e do mundo.

O papiro é uma das plantas mais comuns tanto na representação gráfica dos jardins do antigo Egito como nas plantas encontradas nas literaturas sobre a economia do antigo Egito. Nos jardins é uma planta aquática que oferece o benefício de purificar a água e é também utilizada no tratamento dos tanques de água para criação de peixes. O papiro é ainda uma planta muito utilizada nos jardins na atualidade podendo ser encontrada ornamentando diversos tipos de jardins internos e externos aos edifícios, em praças ou em espaços públicos como foi demonstrado no início desse artigo.

Referências

BARTA, Miroslav . Sociology of the minor cemeteries during the Old Kingdom. A view from Abusir south. **Archiv Orientální**, n. 70, v. 3, p.291-300.

BAILLON, Henri Ernest. **Dictionnaire de botanique**. Tome 2. Paris: Librairie Hachette et Cie., 1876.

BOGDANOVIC, Jelena. **Art and Architecture**. Iowa State University, 2013.

BRANCAGLION JUNIOR, Antonio. **Manual de Arte e Arqueologia do Egito Antigo II**. Rio de Janeiro: Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, 2004.

BRYAN, Cril. **The Papyrus Ebers**: Translated from the German version. London: Geoffrey, 1930.

CARLENS, Louis. Le transport fluvial de charges Lourdes dans l'Égypte antique. *Studien zur Altägyptischen Kultur*. 31, pp.9-13. 20

CHEMIN, Henri. La haute Image D'Isis: Eset et les mystères de l'Égypte antique . Editora Alliance Imagique. 2020.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Figo e figueira dos faraós dos jardins do antigo Egito. **Revista África e Africanidades**, ano 16, n. 44-45, p. 50-65, nov./fev. 2023.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Urbanismo africano: 6000 mil anos construindo cidades (uma introdução ao tema). **Revista Teias**, n. 62, v. 21, p. 371-382, jul./set.2020.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Disciplina Urbanismo africano: 6000 anos construindo cidades**. 2021. Notas de Aula. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Lições da arquitetura vernacular para o árido e semiárido africano**. 2022. Monografia (Especialização em Projeto Arquitetônico

Contemporâneo: Teoria e Prática) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Fortaleza, 2022.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Se eu fosse ensinar filosofias africanas, eu as ensinaria como a hermenêutica do bem viver. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 225, v. 20, p. 120-132, nov./dez.,2020.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **A Faraó Hatshepsut em imagens para a imortalidade**. 2023. Notas de aula. Disciplina Urbanismo Africano: 6000 anos construindo cidades. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

EL-ASWARD, el-Sayed. Archaic Egyptian Cosmology. *Anthropos* 92.1997: 69-81 .

FARGE, Arlette. Penser et définir l'événement en histoire: approches des situations et des acteurs sociaux. **Terrain, anthropologie & sciences humaines**, n. 38, p. 67-78, mar., 2002.

FATOBENE, Giovanni et All. Utilização da taboa (*typha domingensis*) e papiro (*cyperus papyrus*) em leitos cultivados com efluente suíno originário da biodigestão anaeróbia e decantação. **Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais**, v.10, n.2, p.35-44, 2019.

BAUSCH, F. et All. **Papyrus production revisited: differences between ancient and modern production modes**, *Cellulose*, 29 (2022) 4931–4950. DOI: 10.1007/s10570-022-04573-y

HUGONOT, Jean-Claude. **Le Jardin dans l'Égypte ancienne**, Paris: Peter Lang, 1989.

JANSSEN, Jac. J. **Grain transport in the Ramesside Period: Papyrus Baldwin (BM EA 10061) and Papyrus Amiens**. London: British Museum Press, 2004.

KAMRIN, Janice. **Papyrus in Ancient Egypt**: In Heilbrunn Timeline of Art History. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2000. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/toah/hd/tell/hd_tell.htm>. Acesso em: 11 mai. 2024.

MORENO, Garcia Juan Carlos. Production alimentaire et idéologie: les limites de l'iconographie pour l'étude des pratiques agricoles et alimentaires des Égyptiens du IIIe millénaire avant J.-C. **Dialogues d'histoire ancienne**, v. 29, n. 2, p. 73-95, 2003.

MARSHALL, David. **The Gardens in Hamilton New Zealand**: Part 1. Introduction. Disponível em: <<https://villacastagnadaylesford.com.au/2022/06/09/the-gardens-in-hamilton-new-zealand-part-1-introduction/>>. Acesso em: 11 mai, 2024.

REICHART, Jayme Rudolf. **Pure and Fresh**: A Typology of Formal Garden Scenes from Private Eighteenth Dynasty Theban Tombs Prior to the Amarna Period. 2020. 314 f. Dissertação (Mestrado em Degree of Master of Arts in Egyptology and Coptology)-

The American University in Cairo, The Department of Sociology, Egyptology, and Anthropology Cairo, 2020.

RICHARDS, Janet. **Society and Death in Ancient Egypt: Mortuary Landscapes of the Middle Kingdom**, Cambridge: Cambridge University Press 2005.

SANTOS, Marlene Pereira dos; CUNHA JUNIOR, Henrique. Maat: conceito importante para introdução das filosofias africanas nas ciências humanas. **VII Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica. Anais...** Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <
<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/75784>>. Acesso em: 22 jun.2023.

SANTOS, Poliane Vasconi dos. **Religião e sociedade no Egito antigo: do mito de Ísis e Osíris na obra de Plutarco (I d.C.)**. 2003. 131 f. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2003.

SALES, José das Candeias . **Poder e iconografia do antigo Egito**. Lisboa: Horizonte, 2008.

SPENCER, Roger; CROSS, Rob. The origins of botanic gardens and their relation to plant science, with special reference to horticultural botany and cultivated plant taxonomy. **Muelleria**, v. 35, p. 43-93, 2017.